

# Sumário

<i>Apresentações</i> .....	7
MARCOS FAERMAN, UM HUMANISTA RADICAL .....	17
<i>Isabel Vieira</i>	
PASTA & PASSIONE.....	45
<i>Lorena Tóvil Schuchmann</i>	
NOS TRILHOS DO PASSADO .....	59
1ª Parte – <i>Márcio Seidenberg</i>	
2ª Parte – <i>Luciana Taddeo</i>	
O PESCADOR MARINO STRECK .....	89
<i>Manuela Martini Colla</i>	
VELHA NOVA ARMÊNIA.....	103
<i>Julienne Gananian</i>	
AS ARTÉRIAS DO AGAR .....	117
<i>Patrícia Baptista</i>	
TEATRO DAS ESPERANÇAS .....	147
<i>Maria Lígia Pagenotto</i>	
O OUTONO DE FERNANDA.....	163
<i>Felipe Modenese</i>	
FUTEBOL QUE SE JOGA NA RUA .....	177
<i>Luciana Noronha</i>	

DE ÁRVORES E PULMÕES .....	193
<i>Karina Müller</i>	
DINOSSAUROS IMORTAIS .....	209
<i>Zé Augusto de Aguiar</i>	
A CLARIVIDENTE NEIVA .....	223
<i>Isabel Fonseca</i>	
VIDAS EM CONCRETO .....	269
<i>Paloma Lopes</i>	
SIMPLESMENTE MULATA .....	275
<i>Agnaldo José</i>	
O MEDO EM MARCHA À RÉ.....	289
<i>Bruno Pessa</i>	
<i>Autores</i> .....	313

# Apresentações

Este livro...

...é uma coleção de dezesseis narrativas sobre pessoas reais e suas experiências. Todas foram produzidas por nossos alunos de pós-graduação *lato sensu* (especialização) em Jornalismo Literário, turmas de São Paulo, Campinas, Brasília e Porto Alegre, entre o final de 2005 e o início de 2007. Algumas histórias receberam minha orientação direta, outras se ergueram segundo as diretrizes ou do professor Edvaldo Pereira Lima ou do professor Celso Falaschi.

O talento dessa turma reunida aqui é indiscutível. O modo como trabalharam é nada menos do que JL na veia: intensivo trabalho de campo (em campo), movendo muito as pernas e conversando ativamente, acurado senso de detalhe, pesquisa constante, técnica de expressão depurada e uma mentalidade (uma maneira de ver a natureza e o ser humano) perfeitamente adequada aos desafios de hoje.

Do ponto de vista conceitual, temos aqui narrativas temáticas e biográficas. Explico: temáticas são aquelas em que há vários personagens cujas histórias pessoais ajudam a lançar luzes sobre um tema. As biográficas, em que se incluem os perfis (gênero conhecido da maioria dos leitores de jornais e revistas), são aquelas que enfocam um sujeito – e seus “coadjuvantes”, claro. Basta ler para perceber. Não tem erro.

Entre as temáticas temos histórias sobre: um pastifício de Porto Alegre (“Pasta & passione”); Paranapiacaba (SP) e suas memórias ferroviárias (“Nos trilhos do passado”); a comunidade armênia paulistana (“Velha Nova Armênia”); um sítio para crianças portadoras do HIV (“As artérias do Agar”); casais sem-teto (“Teatro das esperanças”); jo-

gadores de um time diferente (“Futebol que se joga na rua”); a influência cultural das árvores (“De árvores e pulmões”); uma homenagem ao *rock* genuíno (“Dinossauros imortais”); o edifício Copan (“Vidas em concreto”); e a superação do medo de dirigir automóveis (“O medo em marcha à ré”).

Entre as biográficas, as pessoas em foco são: um jornalista literário insubordinado (“Marcos Faerman, um humanista radical”); um senhor do mar catarinense (“O pescador Marino Streck”); uma paciente às vésperas de uma neurocirurgia (“O outono de Fernanda”); uma senhora extraordinariamente espiritualizada (“A clarividente Neiva”); um certo Sr. Domingos, apaixonado para todo o sempre por sua Mulata (“Simplesmente Mulata”).

São histórias encantadoras, honestas, corajosas, sem pieguices nem disfarces. Os autores realmente se atiraram no mundo individual-social que os intrigava, criando empatia conosco de várias maneiras: pela inspirada observação de padrões cotidianos; pela recuperação de memórias aparentemente perdidas; pelo contato com mundos diferentes dos seus; ou pela incursão certa rumo ao entendimento de coisas que estavam bem debaixo de seu nariz. Tudo isso sem necessidade de re-re-inventar a roda. Tudo isso apenas resgatando o que o jornalismo mais sabe (ou deveria saber) fazer: reportar em profundidade.

Então... Fico pensando. Quantos debates – dentro e fora do âmbito universitário – se travam em torno das interseções possíveis e impossíveis entre o jornalismo e a literatura? O que geralmente se pergunta é se jornalismo é literatura. Pergunto eu: tal questão tem essa importância toda? Talvez sim, talvez não, quem sabe.

Há estudos acadêmicos relevantes e desideologizados que nos dizem que jornalismo e literatura são água e óleo, não se misturam; ou argumentam que são nutrientes da mesma porção de terra, ou algo como os dedos desiguais de uma mesma mão. Muitos giram ao redor de oposições periodísticas (o efêmero *versus* o duradouro); de dilemas profissionais-comportamentais (funcionário de jornal *versus* romancista/contista/poeta); de afãs classificatórios (gênero *versus* subgênero); e digressões filosófico-estéticas (a arte *versus* a indústria).

Leio, ouço, assisto a esses estudos com preocupação e tédio. Por que não “lincar” o sentido da vida com a vivência real? Aí é que está.

Eis a questão. Este livro é uma espécie de “certidão informal de casamento”, prova de união genuinamente íntima do J com o L. Essa união estável se chama jornalismo literário, definido por Edvaldo Pereira Lima como “reportagem ou ensaio em profundidade nos quais se utilizam recursos de observação e redação originários da (ou inspirados pela) literatura”. Ponto. Em comunhão de bens, e até que o mau senso os separe, os mais avançados métodos de reportar (jornalísticos) e as técnicas de expressão (literária) formam um par prolífico.

Numa coabitação saudável, que escapa à especulação hierarquizante e egocêntrica, podemos saber até o que o jornalismo literário não é, com a mesma naturalidade com que sabemos que o amor é infinito enquanto dura. Pois é, jornalismo literário não é a cobertura noticiosa de livros e autores; não é ficção, invenção ou história baseada (apenas baseada) em fatos; não é masturbação lingüística; nem válvula de escape para artistas frustrados. Nada disso.

Então, ganhemos tempo. Estamos numa era em que zilhões de opções parecem equivalentes a nenhuma opção. Há um excesso de tudo, em toda parte. Por isso procuramos transmitir a nossos alunos um foco. Primeiro o foco, depois a amplitude. Dizemos a eles que o importante é ser, considerar-se, sentir-se, assumir-se narrador da realidade, com o fim único de gerar sentidos. Diariamente, somos postos diante da sensação de que nada faz sentido. Aí entra o narrar. Narrar é isto: a busca de um sentido.

Notem que, além de métodos, técnicas e autoconhecimento, os autores aqui reunidos têm fome de entendimento. Sabem, sentem que não basta apenas identificar mazelas sociais. Sabem, sentem que é preciso dar voz àqueles que têm soluções viáveis a apresentar ou que já as experimentaram concretamente. O jornalismo de um país com iniquidades gritantes como o Brasil não deveria dispensar os ferramentas da reportagem narrativa em profundidade, esta que ensinamos em nossos cursos de especialização.

Sim, claro, o dia-a-dia das mídias de massa ainda tem-se formulado majoritariamente dentro do quadrilátero estatística, efeméride, serviços e opiniões. Opiniões, então, quanta opinião! Cada vez mais. Mas esse jornalismo urgente, descarnado e opiniático – “periódico”, para usar uma definição mais técnica – não é o único que existe.

Agora se pode internalizar com clareza profunda que o jornalismo literário, por exemplo, é uma entre as várias alternativas para a oxigenação dos textos às vezes herméticos (da academia), pernósticos (dos colunistas) ou banais (dos noticiários). As reportagens especiais de fôlego estão retornando ao cenário, aqui e ali. E então podemos reafirmar que a índole do jornalismo literário é exatamente fazer que conteúdo e forma sejam parceiros de uma mesma aventura. Essa turma aqui honrou essa aventura.

*PS: Lamento informar-lhes que verdadeiras pérolas ficaram de fora desta coletânea simplesmente porque eram imensas (tanto na qualidade quanto no tamanho) e talvez mereçam se tornar livros por vida e conta própria, sem a mão deste organizador, que serviu de “pré-editor” e copidesque, ao mesmo tempo. Que ganhem o mundo.*

Sergio Vilas Boas  
ABJL/TextoVivo

Existe em todas...

...as épocas e em todas as gerações um anseio de se contarem histórias que tocam a alma de indivíduos da espécie. É um chamado a um tipo de auto-realização que às vezes mexe com as entranhas, impulsiona a pessoa para um desafio vital. Está ligado – também – a uma questão profunda de busca de auto-identidade, de descoberta do mundo. Só que, nessa outra face da mesma moeda, fermenta o desabrochar e a maturação de contadores de histórias. Isso ao longo das eras, por diversos caminhos e utilizando distintas estratégias e diferentes tecnologias narrativas, conforme a possibilidade histórica de cada contexto cultural.

Balzac escrevia à luz de vela, noite adentro, na sua impulsão criativa genial. Jorge Amado empregava com maestria a máquina de escrever, ao que parece disciplinada e metodicamente. Escritas de nossos dias utilizam o computador, a internet, todo um arsenal inimaginável de novas tecnologias eletrônicas para produzir novos conteúdos e novas formas de contar. Hipertexto, hipermídia, *graphic novels*.

Navegando entre os dois pólos há o jornalismo literário. Ou literatura da realidade, se preferir. Combinando a necessidade de se conhecer o mundo, o outro e a si mesmo através da escrita, de um lado, e o desejo tímido ou ardente de contar histórias, de outro. Com um único foco central: a narrativa da vida real.

A ABJL, com seu curso de pós-graduação em Jornalismo Literário, busca contribuir para o despertar de talentos que sintam – latente ou conhecido – o chamado para a auto-expressão no mundo por meio da escrita de histórias de pessoas de carne e osso. Porque o jornalismo literário é muito isso: narrativas centradas em pessoas. A primeira pessoa de todas é o próprio autor, que precisa mergulhar na realidade com alma, fé, força, lucidez, emoção e inteligência. Precisa vencer a barreira de si mesmo, estender a mão, o olhar, o coração e a mente para o outro, para o mundo desconhecido e estranho lá fora, e que mobiliza sua alma na jornada da descoberta.

O impulso espontâneo dos talentos potenciais é apenas o primeiro chamado. Para concretizar o potencial-semente que descobre existir em si, o autor futuro precisa lapidar habilidades, dissecar métodos, técnicas e procedimentos, fazer nascer a voz autoral que só surge com empenho e compromisso.

O jornalismo literário é um campo de tecnologias narrativas comprovadas ao longo de sua história. O novo autor que entra nesse fluxo de experiências acumuladas dá-se à tarefa de apreender a tradição da qual passa a ser herdeiro. Vê-se diante do árduo desafio de absorver as soluções já pavimentadas por inúmeros outros autores do passado e do presente, diante da missão inicialmente assustadora de se contar uma boa história real. Contar com fidelidade, com precisão, mas também com gosto, estilo, prazer. Tudo emoldurado por um modo pessoal de contar, aquele modo que nenhum outro ser humano dos bilhões que somos, fomos e seremos tem, teve ou terá. Sua assinatura única, sua voz singular de dizer por escrito.

Tradição e autenticidade. Razão e intuição. Lógica e emoção. Os ingredientes necessários à prática do jornalismo literário formam uma constelação criativa complexa.

Mas não basta só o contar. É fundamental também contar histórias com uma visão de mundo ampla, aberta, capaz de honrar a complexidade maravilhosa da vida vivida que se encontra à disposição de

quem quer vê-la, senti-la, experimentá-la, expressá-la às vezes com humor e drama, noutras tantas com lágrimas e risos.

O desafio é ainda mais amplo, porém. A habilidade narrativa mescla-se à visão de mundo arejada, integra-se a outra vontade-diretriz, que é a de conscientizar o autor de seu papel co-transformador da realidade. Um papel disponível, se desejar contribuir para a expansão da consciência – a sua, a do leitor, a das pessoas –, para o direcionamento do mundo a um outro estado de mais vida e menos morte, de mais luz e menos sombra, de mais amor e de menos dor, de mais inteligência e menos ignorância disfarçada de sabedoria, de mais justiça e menos canalhice camuflada em nobreza, como vemos tristemente em muitos homens públicos de nossos dias no Planalto Central. Pois contar histórias genuínas é prazer. Mas também pode ser poder, amor, cura.

Todos esses elementos entram no processo alquímico de ensino e aprendizagem do jornalismo literário no curso de pós da ABJL. Parte do processo é consciente, planejado, didaticamente conduzido. Parte é criativo, inconsciente, quase mágico, gerando a atmosfera misteriosa da qual brotam talentos.

Para o deleite de todos nós, neste livro estão exemplos da nossa primeira safra, resultados dos autores que em 2005 e 2006 responderam ao chamado, investiram coragem, buscaram aprender e absorver, exercitar e atrever. Para chegar ao ponto em que se revelam, com toda honra, capazes de manter a chama de todos os tempos. Bem-vindo, caro leitor, a um novo mapa de contadores de histórias da vida verdadeira, versão século 21.

*Edvaldo Pereira Lima*  
ABJL/TextoVivo

Se existem duas...

...palavras que podem definir a Academia Brasileira de Educação e Jornalismo Literário, a ABJL, estas palavras certamente são ousadia e inovação. Não vai aqui nenhum proselitismo em torno de teorias da criatividade, mas a representação prática do que vem acontecendo, nesse entorno, desde 2003.

Naquele ano, o público brasileiro foi brindado com o primeiro portal eletrônico destinado a abrigar teorias, fundamentos e práticas de narrativas de não-ficção. Nascia o portal TextoVivo – Narrativas da Vida Real – *textovivo.com.br*.

Desde então, o TextoVivo tem-se tornado uma forte marca no mercado editorial brasileiro em plataformas web. Mas não era intenção do grupo fundador – eu, Edvaldo Pereira Lima, Rodrigo Stucchi e Sergio Vilas Boas – que essa idéia ficasse apenas no plano de um portal “acadêmico”. Se o produto já nascia sob a égide da criatividade, o que veio depois foi ainda maior, mais ousado e mais inovador: o primeiro curso brasileiro de pós-graduação *lato sensu* a dedicar-se com exclusividade à formação de especialistas em Jornalismo Literário.

A primeira turma reuniu 44 alunos de diversas cidades do interior de São Paulo, mas também de Goiânia, Curitiba e Florianópolis. Surgiu como um Curso de Especialização em Comunicação Criativa (com ênfase em Narrativas da Vida Real). A idéia foi encampada pelas Faculdades Metropolitanas da Região de Campinas, a Metrocamp, que acreditou desde a primeira hora nesse projeto. Juntar alunos de várias partes do país, em Campinas, em aulas quinzenais, foi um desafio e tanto, já caracterizando a ousadia e a inovação desse quarteto de concretizadores de novas idéias.

Novas idéias que continuaram germinando à medida que esse ideal se dissemina por outras praças. Surgiu então a necessidade de um primeiro parto, de um rompimento sadio e respeitoso com a Metrocamp, para que o projeto de formação em narradores da realidade deslanchasse de uma vez por todas e atingisse, naturalmente, um maior número de interessados.

Para tanto, a ABJL buscou parceria, para fins de organização acadêmica e certificação, com o Centro de Educação Superior de Blumenau, o Cesblu, uma instituição de ensino superior de Santa Catarina – nova, mas atuante, com foco na criatividade e valores humanos para todos os seus cursos. Como resultado, em 2006 formaram-se turmas em São Paulo (duas), Campinas, Brasília e Porto Alegre. Na capital paulista as aulas aconteceram semanalmente, às segundas e terças-feiras, uma turma no período matutino, outra no

noturno; nas outras sedes, as aulas foram quinzenais, às sextas-feiras e sábados.

Com isso, além de atender aos alunos das cidades-sede, o curso conseguiu, também, reunir interessados das cidades do interior dos respectivos Estados, assim como outros corajosos inovadores que venceram fronteiras em busca da sonhada especialização. Nesta nova investida, uma mudança de nomenclatura e a consagração do Curso de Especialização *Lato Sensu* em Jornalismo Literário, com uma grade curricular constituída por disciplinas de transformação pessoal e uma concentração de conteúdos nas várias possibilidades de aplicação dessa vertente jornalística. No início de 2007, aos 44 pioneiros juntaram-se outros 104 jornalistas transformadores, capazes de produzir reportagens e perfis de alta qualidade, como pode ser visto nesta primeira coletânea de textos de ex-alunos de nossos cursos.

Ainda acreditando em ousadia e inovação, o “quarteto mágico”, como passou a ser chamado carinhosamente pelos alunos, arriscou abrir turmas para fevereiro de 2007 em São Paulo (três horários), Campinas, Goiânia e Curitiba. O curso consolida-se ano a ano, agora (neste 2007) em convênio com o Centro Universidade de Araras Dr. Edmundo Ullson.

Nas turmas de 2005 e 2006, houve uma espontânea mistura de recém-graduados e jornalistas experientes, além de escritores procedentes de diversas áreas do conhecimento, como psicólogos, historiadores, documentaristas e até físicos teóricos. Essa mescla fez nascer muitas idéias novas. Entre os nossos atuais 110 alunos (de 2007), há ainda jornalistas veteranos, alguns com mais de vinte anos de estrada e ocupando cargos importantes nos meios de comunicação do país.

Essa turma toda, tão heterogênea quanto as anteriores, já está produzindo reportagens, perfis, ensaios e memórias que em breve enriquecerão ainda mais o portal TextoVivo, e muitos de seus trabalhos finais ocuparão as páginas de nosso próximo volume de narrativas jornalístico-literárias.

É bom que se registre: narrativas jornalístico-literárias não são obras de ficção, nem comentários sobre romances, contos, novelas; na verdade, são calcadas em princípios, métodos e técnicas para um jornalismo ímpar, que prima pela qualidade e exatidão das informações,

pela beleza da expressão, pelo estilo autoral e por devolver ao centro dos debates aquele que faz o mundo girar: o ser humano, em toda a sua complexidade, força e leveza. Com ousadia. Ah, e inovação. Agora e sempre.

*Celso Falschi*  
ABJL/TextoVivo